

### **O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?**

*The use of new Technologies in families with babies: a necessary evil?*

Manoela Yustas Mallmann

Giana Bitencourt Frizzo

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**

Porto Alegre-Rio Grande do Sul-Brasil

#### **Resumo**

As crianças da atualidade vivem em um ambiente altamente tecnológico, no qual o uso das novas tecnologias, como *tablets* e celulares é crescente e constante, juntamente com a televisão, que também segue sendo muito presente nas famílias. As crianças de até dois anos dependem dos adultos para ter acesso às tecnologias. Dessa forma, a visão das mães frente a esse tema contribuiu para a compreensão de como ocorre o uso de tecnologias em famílias com crianças pequenas. Neste estudo, foi utilizada a técnica de grupos focais para compreender como ocorre o uso feito por elas e seus bebês. Participaram do estudo sete mães de bebês de até 24 meses. As mães tinham idades entre 30 e 39 anos. A partir da análise temática, foram identificados temas a respeito do uso das tecnologias nas famílias com crianças pequenas. Os achados sugerem que o uso em famílias com bebês relaciona-se mais a uma necessidade das mães em momentos de dificuldade do que um recurso para benefício do bebê.

**Palavras-chaves:** Bebês. Interações iniciais. Novas tecnologias.

#### **Abstract**

Nowadays, children live in a highly technological environment, since the use of new technologies such as tablets and children is growing and constant. In the same way, television has also been very present in families. Children up to two years old depend on adults to access technologies. Thus, mother's view about this theme may contribute to the understanding of how the use of technologies occurs in families with young children. In this study, focus groups were made with mothers of infants to understand how they and their babies use these technologies. Seven mothers participated in the study. Mothers were between 30 and 39 years old. Using a thematic analysis, it was possible to identify themes regarding the use of technologies in families with babies. Findings suggest that technology's use in families with babies could be related more to mother's needs in difficult times than as a resource for infant's benefit.

**Key words:** Babies. Initial interactions. New technologies.

## **Introdução**

As crianças da atualidade nascem em um mundo digital, no qual seus pais e cuidadores estão constantemente conectados (BRITO et al., 2017; McDANIEL; COYNE, 2016). Nesse ambiente tecnológico, elas estão expostas tanto a novas tecnologias, como a celulares e *tablets*, quanto às chamadas mídias tradicionais, como a televisão (CHASSIAKOS et al., 2016). Devido à pouca idade e autonomia, as crianças de até 2 anos geralmente ficam a maior parte do tempo sob a supervisão de um cuidador. Nesse sentido, estão mais suscetíveis ao próprio uso e visão dos adultos em relação às novas tecnologias, que, por sua vez, parecem ser essenciais para definir o uso, o acesso e a exposição das crianças menores de 2 anos a curto e longo prazo (LAURICELLA; WARTELLA; RIDEOUT, 2015). Dessa forma, compreender o uso e a visão dos pais é de extrema importância no que diz respeito às experiências com as tecnologias que as crianças podem ter dentro do ambiente familiar (BENTLEY; TURNER; JAGO, 2016; NEUMANN, 2015). Essa utilização pelos adultos pode influenciar o uso e as atitudes das crianças, podendo servir como modelo para elas (LAURICELLA; WARTELLA; RIDEOUT, 2015; DIAS et al., 2016).

Ademais, o uso desse recurso em famílias com crianças parece desempenhar diversos papéis para os pais (McDANIEL; COYNE, 2016), independentemente da faixa etária da criança. A literatura aponta que os cuidadores associam à tecnologia maior possibilidade de aprendizagem para a criança (BROWN; SMOLENAERS, 2016; LOVATO; WAXMANN, 2016), bem como um recurso para promover momentos de união e conexão, quando utilizada como uma atividade compartilhada em família (PADILLA-WALKER; COYNE; FRASER, 2012). Quanto mais aspectos positivos são evidenciados pelos pais, maior é a tendência de encorajarem o acesso dos filhos à televisão, celulares, computadores e *tablets* e menor o estabelecimento de limites e regras quanto ao uso (LAURICELLA; WARTELLA; RIDEOUT, 2015).

Por outro lado, alguns pais manifestam preocupações frente ao uso de novas tecnologias. McDaniel e Radesky (2017) apontam em seu estudo que as crianças com maior tempo de exposição a *tablets* e celulares são de famílias nas quais os pais consideraram seu próprio uso problemático, a ponto de causar interferências na

interação com os filhos. Ainda no que diz respeito às crianças pequenas, a qualidade da interação entre pais e filhos durante o uso de tecnologias parece ainda mais relevante do que o conteúdo em si do que é assistido (RADESKY; SCHUMACHER; ZUCKERMANN, 2015). Além disso, seu uso em excesso pode contribuir para maior isolamento e falta de comunicação e afeto nas famílias, quando seus membros ficam muito voltados para o mundo virtual (LAURICELLA; WARTELLA; RIDEOUT, 2015), em detrimento das relações do mundo real (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011; RADESKY; SCHUMACHER; ZUCKERMANN, 2015).

Estudos que busquem compreender a visão parental acerca do **uso das tecnologias** nas famílias com crianças pequenas são crescentes na literatura. No estudo de Bentley, Turner e Jago (2016), os autores conduziram entrevistas com 26 mães de crianças entre 2 e 4 anos. Os resultados apontam que as mães permitem o uso tanto da televisão quanto de dispositivos móveis pelas crianças, sentindo-o como potencialmente positivo para promover a aprendizagem e o lazer delas. Porém, também foram relatadas preocupações quanto a possíveis excessos, evidenciando a necessidade das mães de impor limites em relação ao uso. De forma geral, as mães participantes consideraram o uso como inevitável, tanto para a criança, quanto para auxílio aos pais como recurso para distrair e acalmar os filhos quando necessário. Outros estudos também apontam que as tecnologias podem ser usadas pelos pais para acalmar, distrair ou entreter as crianças (KUCIRKOVA; ZUCKERMAN, 2017; RADESKY et al., 2016).

Dessa forma, pode-se observar a importância que as tecnologias parecem ter adquirido nas famílias da atualidade enquanto recurso utilizado pelos pais, embora existam contradições em relação ao uso das crianças menores de 2 anos (CHASSIAKOS et al., 2016). A American Academy of Pediatrics (AAP, 2016), por exemplo, assim como a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2016), desencoraja o uso de telas para crianças menores de 2 anos. Porém, apresenta flexibilidade entre os 18 e 24 meses, recomendando que, caso a criança seja exposta às mídias, os pais estejam presentes e interajam com ela, usando aplicativos de qualidade. Ademais, pesquisas recentes (KUCIRKOVA; ZUCKERMAN, 2017; RADESKY; SCHUMACHER; ZUCKERMANN, 2015) ressaltam que apesar de os dispositivos móveis aparentemente contribuírem para que a criança se acalme, ainda são desconhecidos os riscos do uso dessa ferramenta a longo prazo, uma vez que a criança até 2 anos ainda não desenvolveu completamente

## *O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

mecanismos de autorregulação emocional, como, por exemplo, o controle de emoções básicas, como o medo e a raiva (LINHARES; MARTINS, 2015).

Ademais, a visão de cada família sobre o que é benéfico ou nocivo para a criança pequena parece ser subjetiva, sendo relacionada à realidade e contexto de cada família (BROWN; SMOLENAERS, 2016). Nesse sentido, conhecer a visão parental sobre como ocorre o uso de tecnologias na singularidade das famílias, assim como as possíveis dificuldades enfrentadas, pode trazer contribuições em relação à compreensão desse fenômeno. Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo compreender o uso que as mães de crianças de até 2 anos fazem das novas tecnologias, como celulares, *tablets* e também da televisão.

### **Método**

#### **Participantes**

Participaram do estudo sete mães biológicas com pelo menos um filho de até 2 anos (24 meses). As crianças eram saudáveis e nascidas a termo (**entre 38 e 42 semanas**). Foram feitos dois grupos focais. A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos das participantes e dos seus bebês:

Tabela 1

*Dados sociodemográficos das participantes e dos bebês*

	Grupo Focal 1		
	Participante 1 (P1G1)	Participante 2 (P2G1)	Participante 3 (P3G1)
<b>Idade da mãe</b>	34 anos	34 anos	32 anos
<b>Estado Civil</b>	Casada	Casada	Casada
<b>Escolaridade</b>	Pós-Graduação	Pós-Graduação	Pós-Graduação
<b>Idade do bebê</b>	18 meses	4 meses	15 meses
<b>Sexo do bebê</b>	Feminino	Feminino	Feminino
<b>Bebê possui irmãos</b>	Sim	Não	Não

	Grupo Focal 2			
	Participante 1 (P1G2)	Participante 2 (P2G2)	Participante 3 (P3G2)	Participante 4 (P4G2)
<b>Idade da mãe</b>	39 anos	33 anos	39 anos	30 anos
<b>Estado Civil</b>	Casada	Solteira	Casada	Casada

<b>Escolaridade</b>	Superior Completo	Ensino médio Completo	Superior Completo	Superior Completo
<b>Idade do bebê</b>	9 meses	24 meses	14 meses	9 meses
<b>Sexo do bebê</b>	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
<b>Bebê possui irmãos</b>	Sim	Não	Sim	Não

---

Todas as participantes fizeram parte do projeto “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil” (FRIZZO et al., 2017), que busca examinar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês e crianças de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês. Embora se considere a importância dos pais para a compreensão deste fenômeno nas famílias e suas circunstâncias multifacetadas, neste momento inicial e de caráter exploratório do estudo, optou-se somente pela participação das mães.

#### **Delineamento**

O presente estudo é de natureza exploratória e delineamento qualitativo (ROBSON, 2002). A partir da metodologia qualitativa, o pesquisador pode compreender como os participantes avaliam uma determinada experiência, quais seus sentimentos e opiniões acerca do fenômeno em questão, bem como uma compreensão aprofundada sobre um tema (BARBOUR, 2009; IERVOLINO; PELICIONI, 2001).

A metodologia de coleta de dados por meio de grupo focal foi escolhida pelo entendimento de que nela espera-se que os dados não sejam apenas coletados através do relato dos participantes, mas também das informações que emergem a partir da interação do grupo, no momento em que ele ocorre (BARBOUR, 2009). Nesse sentido, é uma técnica de pesquisa que busca melhor compreensão sobre determinado fenômeno, mostrando-se adequado nos estágios exploratórios de uma pesquisa (IERVOLINO; PELICIONI, 2001).

O roteiro utilizado no presente trabalho norteou o andamento da discussão dos grupos, de forma aberta e flexível, com o objetivo de não interferir nas interações entre as participantes. Foi contado um pequeno trecho de uma história fictícia envolvendo o uso das tecnologias com bebês no início dos grupos. Foi abordada uma situação considerada comum, a fim de que as participantes pudessem se identificar, ajudando a

## *O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

diminuir possíveis desconfortos ou julgamentos sentidos, como forma de aquecimento (FLICK, 2009). Na sequência, foram exploradas questões sobre o uso, tais como quem oferece a tecnologia à criança, em quais contextos ocorre e o que consideram vantagens ou desvantagens do uso feito pelos bebês.

### **Procedimentos**

O recrutamento de mães para participarem dos grupos focais ocorreu através de divulgação via internet. Também foram feitos contatos em duas escolas de educação infantil particulares de Porto Alegre. Os dados das mães que manifestaram interesse em participar da pesquisa foram registrados em uma ficha de contato inicial. Após contato telefônico, foi previamente marcado um horário para os grupos, e o primeiro ocorreu em uma sala do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o segundo em uma sala no local de trabalho das quatro mães participantes do estudo, pois todas trabalhavam no mesmo local, a fim de facilitar a logística e comparecimento de todas.

A partir da aprovação e ciência dos aspectos éticos envolvidos na pesquisa e assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), foram então realizados dois grupos focais, com duração de aproximadamente 1h30min. Enquanto as participantes foram chegando, foi entregue o Questionário de Dados Sociodemográficos para preenchimento individual. Os encontros foram gravados em áudio e vídeo. Estavam presentes a mediadora do grupo focal e uma bolsista de iniciação científica. A filmagem foi utilizada apenas para ajudar na transcrição do áudio, não tendo sido considerados os aspectos interativos não verbais entre os participantes.

### **Instrumentos**

Ficha de contato inicial (NÚCLEO DE ESTUDO DE FAMÍLIAS COM BEBÊS E CRIANÇAS - NUFABE, 2017a): utilizada como forma de triagem para conhecer a família e obter dados importantes dos filhos das possíveis mães, participantes do estudo.

Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017b): para fins de levantamento sobre dados sociodemográficos das participantes e de suas famílias, tais como a idade, escolaridade, condições de moradia, renda, entre outros.

Roteiro do Grupo Focal: elaborado com base na literatura revisada. O grupo focal investigou qual o uso que as famílias de crianças pequenas têm feito das tecnologias, tendo em vista: que uso os adultos fazem; o que as mães pensam sobre a tecnologia; o que as crianças assistem, em qual contexto, quem oferece a tecnologia, qual tipo de tecnologia é oferecida nos diferentes contextos, qual o tempo de uso; quais as vantagens e desvantagens em usar tecnologias com crianças pequenas; quais possíveis mudanças no comportamento da criança; e qual a opinião das mães frente às críticas aos pais por ficarem muito distraídos enquanto usam seus celulares.

### **Considerações Éticas**

Este projeto seguiu os princípios éticos da pesquisa com relação à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, como consta na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

### **Análise dos dados**

Os encontros realizados foram gravados e transcritos pela pesquisadora, mediante ajuda de bolsista de iniciação científica. Os dados do Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017b) foram usados para a caracterização das mães participantes do estudo, dos bebês e das suas famílias. A análise dos dados obtidos foi feita através de análise temática qualitativa (BRAUN; CLARKE, 2006), com auxílio do software NVivo versão 11 (NVivo, 2015). O processo de análise para a codificação dos temas contemplou dois momentos: análise específica de cada grupo e análise posterior do conjunto dos temas presentes nos grupos realizados (TRAD, 2009).

Em consonância com a literatura revisada (RADESKY et al., 2016), e após exaustiva leitura e releitura dos dados e constante revisão da literatura, foram identificados quatro principais temas e os seguintes subtemas, como ilustrado na Figura 1:

Figura 1  
*Modelo gráfico da estrutura de temas*



## **Resultados**

### **Visão das mães sobre o uso de tecnologias**

Este tema abordou, de forma geral, a opinião das mães sobre o uso de tecnologias. Foram identificados 3 subtemas: opinião das mães sobre o uso de tecnologias, trazendo suas visões sobre o assunto; mudanças antes e depois dos filhos, que trouxe questões sobre o tema que surgiram apenas após o nascimento dos bebês; e as vantagens e desvantagens que as mães consideraram a respeito da temática.

#### **Subtema: Opinião das mães sobre o uso de tecnologias**

Destacaram-se sentimentos ambivalentes na fala das mães frente ao uso de tecnologias, em ambos os grupos. Seus relatos evidenciaram críticas quanto a possíveis excessos, ainda que todas as mães tenham afirmado fazer uso de algum tipo de tecnologia (foram mencionados uso de televisão, celular, *tablet* e DVD portátil), tanto do seu próprio uso, quanto da criança. As participantes relataram suas opiniões buscando ponderar o que diziam, como na fala seguinte:

*Eu penso que tem os seus benefícios, mas eu não... Acho que o excesso. O excesso pra nós também é ruim, né? Não só pro bebê, né? Acho que pros adultos também... Usam em excesso. Mas também acho que tem um lado bom e um lado ruim, assim... Não condeno totalmente, mas também... (P4, G2).*

Tal ponderação foi evidenciada principalmente quando as mães se referiram ao uso das crianças:



*É muito cômodo. Aí, por ser muito cômodo, tu quer sempre acessar essa solução, né, porque tu sabe que funciona, mas é bem isso, a gente fica com essa insegurança: mas será? Será que vai dar coisa boa? (P3, G1).*

Mesmo quando demonstravam considerar positivo o uso, ainda assim foram identificadas preocupações com tempo, quantidade ou excesso:

*Eu acho tranquilo. Eu acho que tudo é um equilíbrio, assim... Eu não vejo problema em usar tecnologia, olhar a galinha [pintadinha] e tudo, mas, tudo moderado. Eu não me sinto culpada e não vejo nenhum problema dela olhar um pouquinho de noite enquanto eu faço alguma coisa. (P2, G2).*

Algumas mães levantaram uma questão importante sobre a sensação de não ser possível viver sem o recurso das novas tecnologias, mesmo apresentando receios quanto a isso, como observado na fala: “eu acho que é uma coisa que a gente não tem como fugir, né?” (P4, G2).

#### **Subtema: Mudanças de opinião antes e depois do nascimento dos filhos**

Durante a realização dos grupos, algumas mães expressaram mudanças significativas na percepção que possuíam referente ao uso das tecnologias antes da chegada dos filhos e como pensavam utilizar esse recurso com eles. A partir das falas apresentadas a seguir foi possível pensar que essa mudança também pareceu estar relacionada com o sentimento anteriormente mencionado, de que o uso das tecnologias é inevitável:

*Eu acho que é um mal necessário, né? Antes eu pensava: ‘Não, não vou usar, eu não vou fazer’, mas aí quando a gente vê... É um recurso que a gente tem, porque a gente já tentou brinquedo, largar na cama, largar no sofá, largar no tatame, nããã... E nada resolve. E aí... (P1, G2).*

A fala referida acima ilustra o quanto as mães possuíam julgamentos negativos em relação ao uso das tecnologias com crianças pequenas antes do nascimento dos filhos. Além disso, parece que as mães pensavam em manejar o uso de uma forma, mas o modificaram frente às demandas dos filhos. O trecho a seguir, de um diálogo entre duas mães, exemplifica que o uso das tecnologias pode ser sentido, em alguns momentos, como o único recurso disponível para lidar com os bebês:

*[Neste momento, P3 comentava de uma ocasião na qual foi ao cabelereiro e precisou levar o bebê, que ficou assistindo um desenho no celular enquanto a mãe era atendida].*

## *O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

Eu me senti um pouco envergonhada, porque, claro, antes de ser mãe eu olhava... (P3, G1).

Coitada daquela criança bitolada, né, que não sai do celular! (P1, G1).

É: 'Ai, só fica dando o celular...' Mas aí eu fico pensando, não tenho o que fazer. Ou ela fica incomodando os outros, atrapalhando os outros, ou... E eu pensando... Eu sempre tento pensar, assim: 'Bah o que que eu podia dar pra ela brincar, alguma coisa?' Mas, às vezes, eu não sei se falta criatividade da minha parte (P3, G1).

### **Subtema: Vantagens e desvantagens do uso de tecnologias**

Na fala das participantes foi possível identificar que algumas das vantagens apresentadas relacionavam-se a benefícios diretos aos bebês, como a possível “familiaridade” com a tecnologia:

*Deixa eu pensar. Eu acho que pode ser uma vantagem, também, a criança já, hmmm... Tá em contato com a tecnologia, né, que pra gente, quanto tempo a gente demorou pra aprender a lidar com isso, e eles já nascem assim, já têm facilidade. Uma vantagem pras próximas gerações, assim, que já nascem com essa interação. (P2, G1).*

Também foram citadas vantagens relacionadas à facilidade de comunicação com familiares que estão distantes:

Eu vejo, e eu acho que isso é um benefício que tem hoje da nossa época, que eu tenho 39, eu lembro que a gente não tinha muitas opções, né? Mas o celular, o que eu acho de vantagem é no sentido de conseguir mostrar até vídeos que a gente grava com ela... Então, aí ela se reconhece, também de ouvir a voz de alguém, por exemplo. Meu irmão mora [no exterior], agora, então a gente usa Skype, Skype não, o vídeo do whats ali, pra poder falar, então, de poder... Nesse sentido, é bom, sabe? É uma coisa que agrega que a gente não tinha né? (P3, G2).

Outra vantagem mencionada foi a diversão em momentos de lazer com a família:

*Eu fiquei pensando, vantagem pra ela... Não sei, ela parece feliz, assim, pelo menos, pelo menos pra aquele momento, acha legal. A minha filha, dependendo da música, que é a música que ela gosta, ela dança, fica de pé, fica dançando assim. Eu acho bonitinho, acho que ela gosta (P3, G1).*

Porém, como ilustrado pelas falas a seguir, foi possível identificar que, muitas vezes, vantagens relacionadas ao uso de tecnologia com os bebês são endereçadas aos adultos (pais, mães, cuidadores) e não aos bebês:

*A vantagem, eu acho, com certeza, é mais pros pais, assim né, um momento de sossego pros pais (P3, G1).*

*Vantagem... Vantagem é quando a gente precisa um tempo assim... A internet, digamos assim, às vezes eu coloco alguma coisa na TV pra ele, pra que eu possa fazer alguma coisa, né? Acesso direto, ali [referindo-se à smart TV] (P2, G2).*

Já no que diz respeito às desvantagens apontadas pelas mães, algumas delas apresentaram medos relacionados a danos físicos, cognitivos e sociais dos bebês, quando expostos às tecnologias em um tempo que elas considerem excessivo. Uma das mães relatou o medo de que a filha estivesse com dificuldade para começar a falar, pois considera que ela foi muito exposta às tecnologias:

*Sempre utilizei bastante. E aí agora eu comecei a investigar essa questão no atraso da fala e da comunicação da B1, e aí eu regredi um pouco, né? Eu estou mais cuidadosa com o tempo de uso dessas tecnologias, né? Então, assim, antes eu usava meio que indiscriminadamente e agora não [...]. É essa questão da gente não saber as consequências da utilização dessas tecnologias. Acho que isso é uma desvantagem, porque a gente tá expondo, é bom. Eu tô vivendo um pouco agora essa questão de que pode ser que a falta de estímulo e o excesso de tecnologia esteja atrasando um pouco a questão do desenvolvimento da B1 (P1, G1).*

Mesmo sem uma preocupação específica, como mencionada na fala acima, outras mães também relataram medos em relação ao uso, como na fala abaixo:

*Não, o que me deixa mais assim, agoniada, é que às vezes ela fica fixa e ela nem... Qualquer coisa, qualquer perturbação fora daquilo ali ela não... Não olha pro lado, não pisca! Eu fico meio preocupada com isso (P4, G2).*

Uma das mães mencionou como desvantagem o uso do celular em detrimento das brincadeiras ao ar livre:

*A questão de brincar com coisas assim, mais corporal, na rua... Porque hoje a gente mora em apartamento. Antes morava em casa, me criei em casa. Então, hoje, eles já estão restritos a um apartamento, com muito mais violência e com um celular na mão. Então isso me preocupa mais, assim... Acho que isso tira certas vivências que a gente teve que são boas, que são importantes pro crescimento deles, pro desenvolvimento corporal (P1, G2).*

Apenas uma das mães pareceu demonstrar preocupação no que diz respeito a questões de autorregulação do bebê, como o desenvolvimento da tolerância à frustração, por exemplo:

## *O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

*O meu maior medo, assim, é bem como ela falou, a gente não sabe, né? Não sabe o efeito. A gente não tem, hmm... Certeza se isso tá fazendo bem ou mal. A única coisa que eu penso é assim: se eu usar a tecnologia todas as vezes que ela entrar em frustração e, e... Como uma resposta imediata, aquilo, eu tenho a sensação que isso não vai dar coisa boa no futuro (P3, G1).*

Uma das mães verbalizou o medo de que o excesso de uso de tecnologias possa prejudicar a interação do bebê com os demais:

*Claro que tem os excessos, daí... Tem pessoas que são mais... Ahn... Eu tenho vizinhos que a gente senta pra tomar chimarrão, daí tem um menino que é um pouquinho mais velho que meu filho, mas ele desde 1 ano, só ficava no celular. Ele não interagia muito com todo mundo. Aí nesse sentido a gente não quer copiar o modelo, mas acho que em alguns momentos precisa, né? (P3, G2).*

### **Como é percebido o próprio uso (adultos)**

Embora a discussão sobre como percebem o próprio uso tenha se dado principalmente a partir de uma das perguntas norteadoras dos grupos focais, as mães constantemente fizeram comparações entre o próprio uso de tecnologias com o dos filhos, observando como elas podem ser exemplos para eles. Ademais, mostraram preocupação frente ao possível excesso do uso feito pelos adultos:

*Eu digo assim pro meu marido: ‘A gente não é o que a gente fala pra [nome da bebê], a gente é o que a gente faz pra [nome da bebê], né?’ Ainda mais agora que ela não se comunica, assim, né, do jeito que ela vai se comunicar um dia. Então, ela vê a gente no celular, ela vai querer, ela vai achar que aquilo é o normal, que aquilo é o comum, né? (P3, G1).*

### **Limites colocados pelas mães frente ao uso de tecnologias**

Nos momentos em que as mães pareciam se sentir ambivalentes frente ao uso das tecnologias com seus bebês, relataram as situações nas quais percebiam que colocavam limites ou demonstravam cautela frente à exposição dos filhos. Porém, não foi relatado nenhum tempo específico de limite. Isso parecia acontecer de forma subjetiva, sem uma combinação familiar prévia.

*Eu vejo que tem que tomar cuidado, assim. Porque senão ela vai querer ficar só ali olhando, não vai querer fazer outras coisas... É que eles não têm medida, né? Quem tem que ter medida somos nós. Então a gente tem que ter cuidado. Mas pra reduzir, tem que começar por nós, assim. Tentar que ela não veja a gente tanto no telefone, assim, né? Ela vai pensar: ‘Meu pai e minha mãe passam nesse troço, deve ser bom, eu também quero’ (P1, G1).*

*Vai muito do controle do pai e da mãe da questão da interação social mesmo. Porque não dá pra estar numa reunião de família, numa reunião de amigos e a criança está ali, meio que isolada, num mundo à parte, assim, né? Isso a gente tenta cuidar pra não acontecer (P3, G2).*

### **Motivos para o uso de tecnologias**

A partir da indagação sobre os contextos nos quais as tecnologias eram mais utilizadas, foi identificado na fala das mães não só o contexto no qual faziam uso, mas sim o motivo pelo qual ocorria. Foram identificados dois subtemas: a necessidade dos pais, abrangendo os relatos do uso envolvendo a necessidade do uso por parte dos adultos e a necessidade do uso de dispositivos móveis em situações fora de casa.

#### **Subtema: Necessidade dos pais**

Foram trazidas pelas mães diversas situações nas quais afirmaram que o motivo do uso das tecnologias era para que elas pudessem distrair ou acalmar seus bebês. No relato delas, ficou evidente que era uma necessidade própria, uma vez que foi um recurso utilizado para auxiliá-las no manejo com a criança ou para que pudessem realizar alguma tarefa, e não porque sentiam que aquele era um desejo ou necessidade do filho ou da filha:

*Quando eu preciso fazer, principalmente de noite, assim, de noite é quando eu mais me aperto. Por que eu acho que ela está mais cansada, daí não quer mais brincar, aí eu apelo pra Galinha Pintadinha (risos). [...] pra poder cozinhar, pra poder fazer a janta dela, essas coisas, né? É bem o que acontece lá em casa (P3, G1).*

#### **Subtema: Necessidade de uso das tecnologias em situações fora de casa**

Neste subtema, destacaram-se as falas das mães relacionadas a momentos nos quais sentiram a necessidade de fazer uso das tecnologias com seus bebês em situações nas quais precisavam distraí-los ou acalmá-los e não estavam em casa e não contavam com alguém que pudesse ficar com o bebê:

*A gente foi no final do ano pra [outra cidade] daí queríamos comer [comida típica do local], daí a gente sentou pra comer um dia. Eu sentei ela, dei o tablet e biscoito de polvilho. E aí nós comemos fondue, eu e meu marido, como se nós estivéssemos só nós dois (P1, G1).*

### **Discussão**

A partir dos grupos focais realizados, foi possível conhecer questões importantes sobre o uso que as mães realizam das chamadas novas tecnologias, como *tablets* e celulares e também da televisão (BENTLEY; TURNER; JAGO, 2016; CHASSIAKOS et al.,

## *O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

2016). Ademais, através dos encontros, as mães trocaram informações sobre como esse recurso tão atual e presente ocorre dentro de suas famílias e quais os possíveis sentimentos despertados nessas ocasiões. De forma geral, embora seja visto como uma solução em momentos difíceis, o uso de tecnologias também gera medos e incertezas.

Nesse sentido, foi possível perceber sentimentos ambivalentes no relato das mães. Embora considerem pontos positivos e negativos, parece predominar a escolha pelo uso das tecnologias, tanto as móveis quanto as tradicionais. Pode-se pensar que o considerado pelas mães como um possível mau uso foi relacionado a excessos, embora não tenham apontado uma delimitação do que seria considerado como aceitável e o que seria excessivo. Em relação à exposição que consideram positivas para a criança, foram observadas vantagens a respeito das facilidades proporcionadas pela tecnologia para manter contato com familiares distantes, conforme recomendado pela AAP (2016). Outras vantagens mencionadas pelas mães foram os momentos de diversão e lazer com a família e a possibilidade do uso das novas tecnologias com recursos e potencialidades que podem proporcionar novas aprendizagens (HUBER; HIGHFIELD; KAUFMAN, 2018). Além disso, a criança se reconhecer em vídeos ou fotos utilizando o celular, também aponta a visão positiva das mães em relação aos dispositivos *touchscreen* (LOVATO; WAXMAN, 2016).

Por outro lado, as vantagens voltadas para as próprias mães também foram consideradas como pontos positivos no uso das tecnologias. Embora esse recurso seja utilizado em ocasiões de lazer, parece ser usado, principalmente, como uma solução em momentos considerados difíceis pelas mães. Algumas delas relataram que, muitas vezes, colocar um desenho na televisão ou algum vídeo no celular ou *tablet* foi a única maneira que conseguiram acalmar o bebê. No entanto, verbalizaram que essa nem sempre foi a primeira opção, uma vez que tentam distrair e acalmá-los de outras formas, como usar brinquedos ou colocar para dormir. Situações nas quais as mães também relataram só conseguir fazer alguma atividade apenas quando a criança se distraía com a televisão, por exemplo, também foram citadas. Os resultados do presente estudo assemelham-se aos encontrados na literatura que atentam que em situações de difícil manejo com a criança parece existir o sentimento das mães de que o uso de algum dispositivo móvel ou

da televisão é o único recurso disponível (BENTLEY; TURNER; JAGO, 2016; BROWN; SMOLENAERS, 2016).

Contudo, o uso dessa estratégia parece ser acompanhado por desvantagens, que foram associadas pelas mães a possíveis riscos para o bebê. Foram relatados medos de prejuízos na atenção, na capacidade de tolerância à frustração, interação no mundo real, atividade física e desenvolvimento corporal, e dificuldades na fala. Porém, além de focar apenas nos possíveis prejuízos para o bebê, também é importante problematizar que muitas vezes as recomendações voltadas para o uso de tecnologias parecem atender apenas para o que os pais não devem fazer, sem apontar soluções ou acolher as suas necessidades. Ou ainda, compreender como ocorre o uso das tecnologias e qual seu propósito (HUBER; HIGHFIELD; KAUFMAN, 2018), uma vez que algumas mães relataram sentir em alguns momentos que esse foi o único recurso disponível para lidar com a demanda da criança.

Foi possível perceber que a maioria das mães mudou sua posição frente ao uso das tecnologias feito por crianças pequenas após o nascimento dos filhos. Em momentos de dificuldade no manejo com eles, algumas delas sentiram a necessidade de utilizar este recurso, diferentemente de como imaginavam fazer previamente. A partir disso, pode-se pensar que o sentimento de que as tecnologias são a única solução para acalmar os filhos pode estar relacionado a necessidades dos adultos e não das crianças. É importante ressaltar que de fato os cuidadores, e em muitos casos a mãe, quando é a pessoa que mais se ocupa do bebê, enfrentam uma série de dificuldades. Sabe-se que os primeiros anos de vida da criança acarretam profundas transformações na reorganização familiar (FERREIRA et al., 2014). Essa pode ser uma tarefa complexa. Nesse sentido, o uso das tecnologias parece estar a serviço do auxílio das mães, como uma estratégia para lidar frente às exigências e dificuldades no cuidado do bebê.

Os momentos da rotina, dentro de casa, nos quais as mães do presente estudo sentiram maior necessidade de fazer uso das tecnologias foram os que identificaram que a criança estava cansada e irritada ou quando a mãe estava cansada ou necessitava fazer alguma atividade da casa, ou fora de casa, e não contava com alguém para ficar com o bebê. Os resultados encontrados assemelham-se a estudos que apontaram o uso das tecnologias como uma forma de auxiliar os pais a realizarem tarefas domésticas, ter

## *O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

tempo livre ou apenas um momento de descanso (KABALI et al., 2015; RADESKY et al., 2016).

Foi possível identificar, conforme os achados de Bentley, Turner e Jago (2016), que as mães participantes não relataram preferir os dispositivos móveis à televisão. Dentro do ambiente familiar foi feito uso predominantemente da televisão. Já em ambientes externos os dispositivos móveis foram mais usados, principalmente o celular, para distrair a criança quando necessário. Nesse sentido, embora os dispositivos móveis proporcionem maior espaço criativo e de interação para a criança (HUBER; HIGHFIELD; KAUFMAN, 2018), essa não foi uma aparente prioridade das mães no momento de optarem por qual tecnologia oferecer à criança. Algumas mães relataram que oferecem mais a televisão para seu bebê em casa, por saber que ele não vai poder mexer ou trocar de canal.

As participantes expressaram que é necessário colocar limites frente ao uso de tecnologias, embora não tenha sido relatado nenhum tempo estipulado como máximo ou alguma combinação prévia entre os cuidadores. Associada a isso pode estar a questão de que, conforme aponta a literatura, além de os bebês dependerem dos pais para estarem expostos e o uso seja cada vez maior, ainda assim ele parece aumentar conforme a idade (LAURICELLA; WARTELLA; RIDEOUT, 2015). Ademais, a partir da fala das mães, foi possível perceber que a exposição dos bebês às telas parece ocorrer a partir da iniciativa dos adultos e não das crianças, principalmente como um recurso para auxiliar as mães quando necessário.

Cabe destacar que as mães do presente estudo consideraram seu próprio uso de tecnologias como excessivo, principalmente do celular. Dessa forma, observou-se maior preocupação delas frente ao próprio uso, e não ao do bebê. Por outro lado, conforme aponta a literatura, o maior uso de tecnologias dos pais pode estar associado a maior exposição e uso dos filhos (LAURICELLA; WARTELLA, RIDEOUT, 2015). Além disso, os pais podem ficar menos disponíveis quando fazem uso excessivo de tecnologias, uma vez que a interação pode ficar prejudicada, pois essa prática está associada a interferências na interação entre pais e crianças (RADESKY et al., 2016), principalmente quando os pais fazem uso de dispositivos móveis na presença dos filhos (McDANIEL; RADESKY, 2017).



### **Considerações finais**

Ainda que as crianças façam uso das telas cada vez mais cedo e o papel dos pais seja extremamente importante nesse processo, existem poucos estudos empíricos que abordem o uso e visão dos pais sobre o uso das tecnologias (NIKKEN; SCHOLS, 2015) no Brasil e internacionalmente. Frente aos aspectos teóricos abordados no presente artigo, acredita-se que o grupo focal tenha contribuído para fornecer dados importantes sobre o entendimento dos motivos das mães para o uso de tecnologias feito por crianças de até 2 anos. Foi possível perceber que o uso em famílias com bebês, diferentemente de crianças maiores, parece estar mais relacionado a momentos de dificuldade, sendo usado mais como um recurso em situações de necessidade do que como uma ferramenta com o objetivo de proporcionar benefícios para a criança pequena.

Além disso, no que diz respeito ao uso, acesso e exposição de crianças até dois anos, existem controvérsias frente aos possíveis benefícios (ANDERSON; HANSON, 2013; LOVATO; WAXMAN, 2016). Ainda de acordo com a literatura, as crianças menores de 2 anos têm capacidade de aprendizagem significativa através das telas quando a exposição ocorre na presença de uma figura significativa, como os pais ou outros cuidadores – considerando que estes estão da mesma forma engajados e investindo naquele momento de interação, estando emocionalmente disponíveis à criança (RADESKY et al., 2016). Dessa forma, atenta-se para a importância de conhecer os objetivos pelos quais essas crianças são expostas às tecnologias, sejam as novas ou as tradicionais. Embora se compreenda que no mundo tecnológico da atualidade possa ser um desafio para as mães não fazer uso de recursos como esses, eles não deveriam interromper ou interferir nas interações presenciais no contexto familiar (CHASSIAKOS et al., 2016; RADESKY et al., 2014).

Ademais, a escolha metodológica do grupo focal também ofereceu às participantes uma possibilidade de reflexão a respeito dessa temática (VEIGA; GONDIM, 2001). Quanto às limitações do estudo, pode-se pensar que não foram exploradas as características individuais dos bebês, a visão dos pais e demais cuidadores sobre o uso, questões de rede de apoio, aceitação ou não da gestação e número de filhos. Também não foram entrevistadas mães de diferentes níveis socioeconômicos, o que também pode influenciar nesse contexto. Todos esses temas podem ser explorados em novos estudos.

## *O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

Conclui-se que este estudo contribuiu para a compreensão sobre como ocorre e quais os motivos para o uso das tecnologias em famílias com bebês. Acredita-se que os dados gerados possam contribuir para a importância de olhar para as dificuldades enfrentadas pelas mães de crianças pequenas ao se pensar em recomendações e estudos sobre o tema.

### **Referências**

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, COUNCIL ON COMMUNICATIONS AND MEDIA. Media and young minds. **Pediatrics**, vol.138, n.5, p. 1-8, nov, 2016.

ANDERSON, Daniel R.; HANSON, Katherine. What researchers have learned about toddlers and television. **Zero to three, Amherst**, vol.33, n.4, p. 4-10, mar/2013.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTLEY, Georgina F.; TURNER, Katrina M.; JAGO, Russel. Mother's view of their preschool child's screen-viewing behavior: a qualitative study. **Bio Med Central Public Health**, Londres, vol.16, n.718, p. 1-12, ago, 2016.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, vol.3, n.3, p. 77-101, 2006.

BRITO, Rita, et al.. Family dynamics in digital homes: the role played by parental mediation in young children's digital practices around 14 european countries. **Contemporary Family Therapy**, vol. 39, n.4, p. 271-280, dez, 2017.

BROWN, Alice; SMOLENAERS, Emma. Parent's interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. **Journal of Family Issues**, vol 39, n.2, p. 406-429, mai, 2016.

CHASSIAKOS, Yolanda R, et al. Children and adolescents and digital media. **American Academy of Pediatrics**, vol. 138, n.5, p. 1-20, nov, 2016.

DIAS, Patrícia, et al.. The role of parents in the engagement of young children with digital technologies: exploring tensions between rights of access and protection, from Gatekeepers to Scaffolders. **Global Studies of Childhood**, vol.6, n.4, p. 414-427, nov, 2016.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Suzana. B. Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, vol. 10, n.2, p. 42-52, ago, 2011.

FERREIRA, Bruno, et al. Percepção de competência parental: exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia numa amostra de pais e mães portuguesas. **Análise Psicológica**, vol.2, n.32, p. 147-155, jun, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

FRIZZO, Giana. B, et al. **Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias**: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil. Projeto de Pesquisa não publicado, 2017.

HUBER, Brittany; HIGHFIELD, Kate; KAUFMAN, Jordy. Detailing the digital experience: media use in the home learning environment. **British Journal of Educational Technology**, vol. 49, n.5, p. 821-833, ago, 2018.

IERVOLINO Solange A.; PELICIONI Maria Cecília F. Utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem USP**, vol.35, n.2, p. 115-21, jun, 2001.

KABALI, Hilda. K, et al. L. Exposure and use of mobile media devices by young children. **Pediatrics**, vol.136, n.6, p. 1044-1050, dez, 2015.

KUCIRKOVA, Natalia; ZUCKERMAN, Barry. A guiding framework for considering touchscreen in children under two. **International Journal of Child-Computer Interaction**, vol. 12, p. 9-46, abr, 2017.

LAURICELLA, Alexis R.; WARTELLA, Ellen. A.; RIDEOUT, Victoria J. Young children's screen time: the complex role of parent and child factors. **Journal of Applied Developmental Psychology**, vol.36, p. 11-17, jan, 2015.

LINHARES, Maria Beatriz M.; MARTINS, Carolina B. S. O processo de autorregulação no desenvolvimento de crianças. **Estudos de Psicologia Campinas**, vol. 32, n.2, p. 281-293, abr/jun, 2015.

LOVATO, Silvia B.; WAXMAN, Sandra R. Young children learning from touchscreens: taking a wider view. **Frontiers in Psychology**, vol. 7, n.1078, p. 1-6, jul, 2016.

McDANIEL, Brandon T.; COYNE, Sarah M. Technology interference in the parenting of young children: implications for mother's perceptions of coparenting. **The Social Science Journal**, vol.53, n.4, p. 435-443, dez, 2016.

McDANIEL, Brandon T.; RADESKY, Jenny S. Technoference: parent distraction with technology and associations with child behavior problems. **Child Development**, vol.89, n.1, p.100-109, jan/fev, 2017.

NEUMANN, Michelle M. Young children and screen time: creating a mindful approach to digital technology. **Australian Educational Computing**, vol.30, n.2, p. 1-15, 2015.

NIKKEN, Peter.; SCHOLS, Marjon. How and why parents guide the media use of young children? **Journal Child and Family Studies**, vol.24, n.11, p. 3423-3435, nov, 2015.

*O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?*

NÚCLEO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM FAMÍLIAS COM BEBÊS E CRIANÇAS – NUFABE. **Ficha de Contato Inicial**. (Adaptado de Gidep/Nudif, 2013). Instrumento não publicado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.2017a.

NÚCLEO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM FAMÍLIAS COM BEBÊS E CRIANÇAS – NUFABE. **Questionário de dados Sociodemográficos**. Instrumento não publicado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.2017b.

NVIVO **Qualitative Data Analysis Software** (Version 11). QSR International Pty Ltd. Doncaster, Victoria. 2015.

PADILLA-WALKER, Laura M.; COYNE, Sara. M.; FRASER, Ashley M. **Getting a highspeed family connection: associations between family media use and family connection**. *Family Relations*, vol. 61, n.3, p. 426–440, jul, 2012.

RADESKY, Jenny S, et al., . Parent perspectives on their mobile technology use: the excitement and exhaustion of parenting while connected. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, vol. 37, n.9, p. 694-701, 2016.

RADESKY, Jenny S.; SCHUMACHER, Jayna.; ZUCKERMAN, Barry. Mobile and interactive media use by young children: the good, the bad, and the unknown. **Pediatrics**, vol.135, n.1, p. 1-3, jan, 2015.

RADESKY, Jenny S, et al. **Infant self-regulation and early childhood media exposure**. **Pediatrics**, vol.133, n.5, p. 1172-1178, mai, 2014.

ROBSON, Colin. **Real world research: a resource for social scientists and practitioner-researchers** (2nd ed.). Malden: Blackwell, 2002.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital. **Manual de Orientação**, Departamento de Adolescência. 2016. Disponível em: <[http://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf](http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf)> Acesso em: 27 dez. 2018.

TRAD, Leny A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, vol. 19, n.3, p. 777-796, 2009.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**, Campinas, vol.7, n.1, p. 1-15, 2001.

Notas

<sup>1</sup> Para identificação das falas, a letra P refere-se à “participante” e a letra G a “grupo focal”, cada uma com o número correspondente.

<sup>2</sup> Em função de a análise não estar pautada na análise de conteúdo (Bardin, 2011), as falas que apresentaram marcas de oralidade foram editadas para melhor compreensão do conteúdo.

### **Sobre as autoras**

**Manoela Yustas Mallmann** – Psicóloga, doutoranda em Psicologia (UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: [manoelaymallmann@gmail.com](mailto:manoelaymallmann@gmail.com). Orcid: 0000-0001-7774-4479.

**Giana Bitencourt Frizzo** – Psicóloga, doutora e pós-doutora em Psicologia (UFRGS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: [gifrizzo@gmail.com](mailto:gifrizzo@gmail.com). Orcid: [0000-0001-8106-4441](https://orcid.org/0000-0001-8106-4441). Endereço para correspondência: Rua Ramiro Barcelos 2600, sala 212, Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre/RS, 90035-003. Telefone: (51) 3308 5111.

Recebido em: 27/02/2019

Aceito para publicação em: 22/03/2019